

Desafios da teologia latino americana á pastoral protestante

Júlio Paulo Tavares Zabatiero

Resumen: En este artículo, su autor trata dos grandes temas: la crisis actual del pastorado en el protestantismo de misión y la búsqueda de un nuevo paradigma que posibilite la creación de una pastoral protestante que sea relevante en nuestros días. Propone cuatro ejes para esa creación: cuidar, movilizar, formar y coordinar.

Abstract: In this article, his author deals with two important themes: the contemporary crisis of the pastoral in the Protestantism of mission and the looking for a new paradigm that becomes possible the creation of a protestant pastoral that is relevant in our days. He proposes four items for this creation: to care; to mobilize, to shape and to coordinate.

Introdução

O tema proposto para a nossa conversa desta noite é árduo e desafiador. Não há, para este tema, respostas definitivas em nosso cotidiano, em nosso passado denominacional, ou em nossos pensamentos e reflexões teológicos —mesmo os de maior qualidade. Por isso, vou falar a vocês com bastante tranquilidade e franqueza, uma vez que apresentarei uma leitura da realidade e uma proposta de pastorado e pastoral para a IPI— uma, e não A! Meu objetivo não é oferecer a vocês uma proposta pronta, um pacote para o pastorado e para a pastoral de sucesso garantido. Quero apenas compartilhar a compreensão e a prática de pastoral e pastorado que tenho construído ao longo dos últimos vinte anos, especialmente em meu trabalho como professor de teologia que, como *hobby*, também pastoreia igrejas locais de vez em quando. Minha fala, portanto, será simples e tratará de dois grandes temas: o da crise da pastoral e do pastorado do protestantismo de missão em geral, e da IPIB em particular; e o de um novo paradigma para o pastorado, que possibilite a criação de uma nova pastoral protestante relevante em nossos dias.

1. A crise da pastoral tradicional do Protestantismo de Missão

Quando o Protestantismo de Missão começou a se instalar no Brasil, este era um país predominantemente rural, com poucas grandes cidades e, mesmo nessas, ainda se podia vislumbrar uma cultura de tipo rural, com sua temporalidade de ritmo lento, sociabilidade intensa, ausência dos principais problemas que afligem as grandes cidades contemporâneas. Nos seus primórdios, o protestantismo de missão se configurava como uma minoria religiosa e cultural. As igrejas protestantes se distribuíam irregularmente do ponto de vista geográfico, concentrando-se nas regiões sudeste e nordeste do país — sendo que no NE se fixou nas cidades litorâneas. A pequena classe média emergente do país foi o público-alvo prioritário do empreendimento missionário protestante do século XIX que atuou significativamente nas áreas da educação e saúde hospitalar. A IPIB, em particular, fixou-se com certo sucesso nos estados de São Paulo e Minas Gerais (região

sul), com presença esparsa e numericamente irrelevante nas demais regiões do país. Esse quadro não se alterou significativamente no caso de nossa denominação, com a exceção do crescimento da IPIB no Paraná.

A pastoral do Protestantismo de Missão desenvolvida no Brasil atendeu a esse tipo de cultura e religiosidade típicas do universo rural e das religiões minoritárias. Essa pastoral foi igualmente assumida pela IPI do Brasil e se caracteriza(va) da seguinte maneira: (1) dois serviços religiosos no domingo – matutino e noturno – centrados na pregação predominantemente evangelística da Palavra e no estudo da Bíblia na Escola (Bíblica) Dominical, com duração média de 90 minutos cada, aos quais foi acrescida a reunião de oração no meio da semana; (2) sociabilidade centrada nas reuniões da igreja, especialmente nas chamadas *sociais*, em que se realizavam também os principais ritos de passagem e de acasalamento da adolescência e juventude, o que atendia a condição minoritária das igrejas protestantes; (3) pastoral entendida exclusivamente como *pastorado*, em que o pastor (não havia pastoras então) assumia todas as principais funções ministeriais da igreja local, com grande ênfase na pregação e na visitação, posteriormente acrescentadas do aconselhamento e da direção administrativa da igreja local; (4) igrejas locais de pequeno porte (diríamos hoje), variando entre 60 e 150 membros adultos, de posição minoritária na comunidade, marcada por sentimentos antagônicos de inferioridade numérica e cultural, de um lado, e superioridade ética e religiosa de outro – ser protestante significava assumir uma conduta ética antagônica àquela característica da população católico-romana tipicamente conservadora. O foco ético do protestantismo se colocava em (a) rejeição de hábitos como fumo e bebida, festas e bailes, jogos de azar; e (b) afirmação dos valores do trabalho duro, da poupança, da honestidade e da educação – ou seja, a ética típica do capitalismo norte-atlântico.

Quais foram as principais mudanças na situação populacional e religiosa do Brasil nos últimos anos, e que afetam significativamente a pastoral do protestantismo de missão? Em primeiro lugar, de acordo com os dados do último censo, a população protestante no Brasil atingiu cerca de 26.000.000 de pessoas (sendo 22.000.00 em regiões urbanas, maioria de mulheres, cerca de 13.000.000), além de uma visibilidade significativa na mídia e na política. A membresia protestante atual se concentra nas igrejas pentecostais e neo-pentecostais (responsáveis por cerca de 17.000.000), e as igrejas presbiterianas em conjunto não representam mais do que dois por cento da membresia total – a IPIB, em particular, não chega a meio por cento do total de protestantes no Brasil. Em segundo, mais de 75% da população brasileira vive em cidades, e há um número significativo de grandes cidades (com mais de 200.000 habitantes) e algumas metrópoles (mais de 800.000 habitantes) e duas megalópoles (Rio de Janeiro e São Paulo). A identidade pastoral construída em oposição ao catolicismo-romano já não mais é relevante, uma vez que as igrejas pentecostais e neo-pentecostais são as determinantes do comportamento protestante atual.

Nessas cidades, o ritmo temporal é bastante intenso, típico da chamada pós-modernidade – as mudanças no cenário urbano ocorrem constantemente, a sensação do passar do tempo é veloz e a necessidade de férias é mais sentida, o tempo que se gasta em deslocamentos e em filas é estressante. Conseqüentemente, o tempo para a convivência familiar e comunitária é bastante reduzido, sendo as moradias praticamente hotéis familiares, com pouquíssimo tempo para a confraternização dos membros da família – e.g.: horários diferenciados de almoço, trabalho, escola, etc. À questão da nova temporalidade, devemos acrescentar a escalada da violência urbana, o que também

promove alterações nos modos de viver dos habitantes urbanos, que ficam mais desconfiados e arredios, focalizando suas relações interpessoais em pequenos núcleos ao redor da casa, trabalho, lazer, escola e igrejas.

As profundas alterações nas formas de família também formam parte do novo quadro urbano. Da antiga família rural extensa predominante no século XIX e início do XX, passamos à família nuclear que predominou no século passado, mas que também já sofre alterações dado ao elevado índice de divórcios e situações de dupla família, e ao crescente número de novos arranjos familiares (e.g.; relações homossexuais estáveis, vida conjunta sem casamento, relações amorosas sem partilhar do mesmo lar). Devemos, também, levar em consideração as novas possibilidades de relações sociais trazidas pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e da informática. Para as famílias das classes média e alta, principalmente, o espaço de vida não é mais restrito ao lugar geográfico de moradia, trabalho e lazer, mas é um espaço global possibilitado pela TV a cabo, ou digital via satélite, e pela internet. Isso afeta significativamente não só padrões de sociabilização, mas também padrões culturais, visto que a cultura local é fortemente afetada pela mídia globalizante. Situação similar ocorre com a infância e adolescência, cada vez mais marcadas pelo uso do computador e vídeo-games e pela cultura televisiva dos vídeo-clips e soap-operas. Essa revolução tecnológica gerou uma nova forma de exclusão para a maioria da população brasileira, que não consegue pagar para consumir os bens e serviços midiáticos e informáticos mais avançados.

Por fim, é necessário destacar a nova configuração sócio-econômica do capitalismo contemporâneo e sua influência sobre a cidade: (a) alteração radical na qualificação para o trabalho assalariado, ampliação do desemprego e das formas de trabalho alternativas sem o amparo da legislação social; (b) ampliação do desnível de renda entre os mais ricos e os mais pobres da população e a conseqüente concentração de renda e bens duráveis; (c) elevação do consumo à categoria de definidor de status e cultura, com a conseqüente exclusão da maioria da população urbana do acesso aos bens mais desejados; (d) pluralização das formas marginais e danosas de acesso ao sentido da vida, como a violência, a drogadicção, a criminalidade em geral.

Estas novas características da vida urbana colocam a antiga pastoral protestante de missão em uma situação de falência funcional. Ela não é mais capaz de atender às necessidades e possibilidades da maioria dos moradores urbanos atuais. Vejamos alguns dos problemas: (1) em cidades com grande população, pequenas igrejas oferecem uma boa oportunidade de sociabilização mas, simultaneamente, acarretam sentimentos mais intensos de inferioridade numérica e de falta de relevância social. Conseqüentemente, é cada vez maior a atração por igrejas de grande porte (acima de 500 membros) e, mais recentemente, pelas mega-igrejas, com milhares de membros e/ou freqüentadores. Igrejas locais desse porte demandam um outro modelo de pastoral e de pastorado; (2) o ritmo temporal torna complicada a participação da família nos cultos e reuniões da igreja local, especialmente em dois cultos aos domingos, uma vez que o domingo é praticamente o único dia em que a família consegue se reunir; (3) a cultura midiática colocou em xeque os modos de pregação e ensino da antiga pastoral protestante de missão, ao ponto de não só a Escola Dominical ser uma instituição em crise falimentar, mas a própria pregação estar sofrendo uma crise de grandes proporções, perdendo cada vez mais espaço nos cultos para o chamado *louvor* e para as manifestações de cunho

emocional e/ou extático; (4) em igrejas de grande porte é impossível ao pastor realizar as mesmas funções que realizava anteriormente – especialmente a visitação pastoral e o aconselhamento individual – de modo que não é mais possível centrar a vida da igreja no ministério exclusivo do pastor-pregador-mestre, que cada vez mais vai se especializando na função de *gerente* eclesiástico, dirigindo uma equipe pastoral composta ou de co-pastores assalariados ou de leigos voluntários; (5) os desníveis econômicos tornam cada vez mais difícil a manutenção das igrejas locais nas periferias urbanas e, mesmo nos bairros de classe média, uma igreja local luta duramente para poder pagar as suas contas mensais. Mas isto ainda não é o mais importante no campo sócio-econômico. Muito mais sério é o desafio da pobreza extrema e da marginalidade provocadas pelo novo regime de exclusão social, que obrigam as igrejas protestantes a se tornarem também agências de promoção pessoal e desenvolvimento sócio-econômico, algo para o que não estão devidamente preparadas; (6) o *ethos* protestante de missão privilegiava o trabalho e a poupança, e sua religiosidade estava fortemente vinculada a esses valores, centrando-se no compromisso com Deus e com a denominação e igreja local.

Na cultura de consumo atual, a religiosidade assume formas bastante distintas, privilegiando o prazer e o bem-estar emocional típicos do consumo – de bens religiosos – desvalorizando as antigas formas de compromisso e as substituindo pela “satisfação garantida” e pela peregrinação eclesial – sem mencionar o elemento de competitividade existente entre as igrejas, que coloca o sucesso numérico e financeiro como um dos critérios fundamentais para a validade pastoral; (7) por outro lado, as mudanças urbanas podem colaborar para que a igreja seja um dos importantes espaços de sociabilidade e comunhão entre seus membros, que cada vez menos têm espaços desse tipo em seu cotidiano – todavia, não mais são eficazes as antigas formas de sociabilização centradas em reuniões e festas da igreja de pequeno porte, as quais podem tornar a membresia da igreja local um grupo hermético, inacessível aos de fora.

2. Em busca de um novo paradigma do pastorado protestante na IPIB

Como vimos, são imensos os desafios que enfrentamos atualmente no ministério cristão, e não é possível em uma simples palestra lidar com todos eles. Por isso, vou me restringir a apresentar a vocês uma renovada visão do pastorado, pois para renovarmos a pastoral na IPIB, um dos primeiros passos é a revisão do modelo de pastorado que praticamos. Farei esta proposta baseado na reflexão bíblica e teológica que encontramos nas teologias latino-americanas da libertação e da missão integral. A partir delas, podemos pensar em um novo paradigma para o pastorado da IPIB, construído ao redor de quatro eixos:

1. *Cuidado*: “*Cuidar*” é a expressão do agir de Deus para com sua criação. Três são as características fundamentais do cuidado divino: *valorizar* (amar) a criação na mesma medida que valoriza a Si mesmo; *lembrar-se* da criação como a beneficiária de seu cuidado amoroso; *reunificar* a Criação sob o Filho *encarnado*, autor e consumidor da vida.

Como nós, pastores, cuidamos da comunidade?

(1) Permitindo que nós mesmos *sejamos cuidados* – por Deus, primeiramente – e por *outros significativos*, pois nenhum/a pastor/a cristão jamais deixa de ser, simultaneamente, ovelha do rebanho divino. Nas palavras de Ray Anderson, “ninguém pode praticar um auto-cuidado sadio a menos que seja parte de uma comunidade em que todos se cuidam mutuamente” (ANDERSON, 1998:217); (2) *Ouvindo* as pessoas participantes da nossa comunidade, ao invés de cultivarmos o pouco sadio hábito de *apenas* falarmos, dizermos aos outros o que devem ser, fazer; (3) *Lembrando-nos* das pessoas, de suas alegrias, tristezas, seus projetos de vida, de seus *nomes*; (4) Ajudando as pessoas de nossa comunidade a *permanecerem unidas* no amoroso vínculo da paz (Cl 3,12-15); (5) Permitindo a cada membro da comunidade liberdade e espaço para viver sua vida, cometer seus erros, realizar seus projetos. E, o mais importante de tudo (6) construindo uma *cultura de cuidado*. Em palestra proferida na cidade de Curitiba, Leonardo Boff assim se expressou: “O ser humano inventou a auto-destruição e uma civilização consumista e predadora. O homem precisa liberar-se da cultura da vergonha e da culpa. Neste caminho, deve se abrir para outra consciência, a do cuidado. Cuidado é enternecimento e preocupação; é atitude anterior aos atos concretos do homem; elimina o fantasma do medo. Não basta ser inteligente; a essência do ser humano é cuidar.” (anotações pessoais).

2. *Mobilização*: “Mobilizar” é motivar as pessoas a se *moverem* de seus espaços de comodismo, ansiedade, auto-centramento da sociedade capitalista de consumo, para os espaços da comunhão com Deus e com o próximo, do serviço à comunidade e ao mundo, da vida em livre solidariedade. Mobilizar é motivar as pessoas a serem o que Deus lhes preparou, a viverem conforme Deus planejou, a servirem conforme os propósitos salvíficos de Deus. Mobilizar é imitar a obra libertadora de Deus que, em Cristo, “nos libertou do império das trevas e nos *deportou* para o reino de seu Filho amado” (Cl 1,13) – Deus nos arrancou do comodismo da vida no pecado e nos exilou para a aventura da vida no Seu reino de amor e serviço. A mobilização é a nossa resposta à soberana atividade do Espírito Santo que distribui dons e ministérios para todos os membros do corpo de Cristo. Através da mobilização despertamos cada membro da igreja para receber o dom que o Senhor tem para lhe dar, o ministério que o Espírito quer lhe confiar.

Como nós, pastores(as) mobilizamos a comunidade?

(1) Sendo porta-vozes da *vocação* divina, do chamamento divino à vida de liberdade e serviço (cf. Mc 2,13-17; etc.). Nós nos acostumamos a restringir o sentido da vocação ao ministério. Porém, a vocação é o chamado de Deus para a vida como um todo. Assim, mobilizamos a igreja urbana ao convocar cada membro do corpo a viver plenamente a fé cristã no seu cotidiano, e não só a ocupar espaços e cargos na igreja.

(2) Sendo pessoas motivadoras da vida vocacionada mediante nosso exemplo pessoal (I Ts 2:1-12; I Pd 5,1-4). E aqui há um grande desafio para nós pastores urbanos: sermos efetivamente cidadãos – não só do Reino – mas de nossas cidades. Seremos capazes de mobilizar a comunidade para a vida plena no dia a dia da cidade se nós mesmos formos plenos cidadãos urbanos, cumprindo em nosso cotidiano a vocação divina para sermos sal da terra e luz do mundo. Muitos pastores, tão envolvidos com as atividades da igreja hiperinflacionada, não mais conseguem ser pessoas normais, desenvolver amizades fora da igreja, realizar atividades saudáveis fora dos espaços institucionais da Igreja, e acabam se tornando eremitas dentro da própria cidade! Mobilizaremos a igreja quando

nós mesmos soubermos aproveitar as possibilidades da vida urbana, e demonstrarmos como superar os seus problemas e desafios.

3. *Formação*: O pastorado reformado sempre deu grande importância ao ministério de ensino, ao ponto que pastores são também chamados de *presbíteros docentes*. Este elemento precisa ser revalorizado na atualidade, uma vez que os pastores cada vez mais têm se tornado em presbíteros *regentes*, além de repensado em função dos novos desafios da realidade. Semelhantemente, a crise da educação cristã centrada na escola dominical exige que repensemos todo o ministério de ensino na IPIB. Três são os grandes alvos da ação formadora cristã na realidade contemporânea:

a. Formar o povo de Deus para a *identidade cristã*

Formar o povo de Deus para a identidade cristã é uma aventura comunitária, na qual cada um de nós, mediante o convívio fraterno e ministerial, vamos sendo permanentemente *des-identificados* (com o mundo) e renovados por Deus em semelhança a Jesus Cristo, o *humano*, contextual e universal ... (Rm 12:1-3; Ef 4:17-24). Isto implica em que o critério da identidade não pode mais ser definido exclusivamente pelo passado tradicional da denominação ou da linha teológica da qual somos herdeiros, por mais importantes que estes sejam. A identidade cristã se constrói orientada para o futuro de Deus e não para o passado do povo de Deus! Por isso, é necessário hoje, mais do que nunca, também formar o povo de Deus para o *discernimento*, pois esta é a virtude que garante o processo de construção identitária.

b. Formar o povo de Deus para o *discernimento*

“Discernimento espiritual é uma ação crítica, do cristão iluminado pelo Espírito Santo, que busca autenticidade para vivenciar a vontade de Deus” (BARRO & ZABATIERO, 1995:10). A formação do povo de Deus, ao centrar-se no ensino e meditação da Palavra, faz crescer essa capacidade que o Espírito Santo dá a todos os filhos e filhas de Deus. No Salmo 119,97-104 encontramos os resultados da disciplinada meditação e reflexão sobre a Palavra de Deus: “teu mandamento me torna mais sábio do que meus inimigos” (98); “sou mais sensato que todos os meus mestres” (99); “tenho mais discernimento que os anciãos (100); “evitei todo o caminho do mal” (101); “não me desviei das tuas decisões” (102); “quão doces são os teus estatutos para o meu paladar!” (103); e “graças aos teus preceitos tenho discernimento” (104).

c. Formar o povo de Deus para a *Missão Integral*

Finalmente, a capacitação do povo de Deus para o exercício da missão integral da igreja. O povo de Deus foi constituído para ser povo missionário, para ser – como Jesus Cristo – enviado ao mundo como agente de transformação (cf. Jo 20,21-23; I Pd 2,9-10). A missão integral envolve todas as dimensões da vida humana e da vida do próprio planeta (cf. Cl 1,24-29). A missão integral exige, por sua vez, um ministério integral da igreja, ou seja, exige que todos os membros da igreja se envolvam nos ministérios da missão – redefinindo assim a concepção de ministério e de pastoral – deslocando-as da figura do pastorado para a da missão de todo o povo de Deus.

Nosso papel pastoral nessa aventura é de: *informalmente*, conversar sobre a nossa resposta de fé à vida contemporânea, debater no dia-a-dia com nossos irmãos e irmãs sobre o nosso papel na cidade, demonstrar através de nosso exemplo o que é ser cristão urbano hoje. *Formalmente*, exercemos nosso papel através da criação e desenvolvimento de um sólido ministério educacional *na* comunidade e *para* ela. “se

chegarmos a acreditar que a Igreja é a totalidade dos povo de Deus, tomaremos a sério a tarefa da alfabetização e da instrução teológica ... a formação teológica deve pertencer a todo o povo de Deus, estando aberta para todos e abrangendo a todos ativamente ... o objetivo da formação teológica não pode ser transformar muitos leigos em profissionais ... [mas] mobilizar todo o povo de Deus, fazendo-o pôr em prática no viver diário as implicações do seu discipulado radical” (VAN ENGEN, 1996:195s). Devemos acrescentar a este ponto a necessária e urgente reformulação e renovação dos modelos de educação teológica, que sofrem a crise da modernidade e a crise de legitimidade do protestantismo em geral. Na IPIB em particular, essa renovação é mais do que urgente e necessária!

4. *Coordenação*: *Coordenar* é estabelecer, avaliar e manter – em conjunto – uma *ordem* para a vida em comunidade. Independentemente da doutrina de governo eclesiástico, na maior parte dos casos estamos acostumados a modelos fortemente hierárquicos de exercício de liderança e poder. Nas igrejas atuais, o pastorado deve ser essencialmente baseado no *serviço*, conforme o ministério de Jesus, que “não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45).

A coordenação é um conjunto de procedimentos político-administrativos de cunho democrático-participativo, fundamentado na unidade de propósitos, diversidade de funções (ministérios) e mutualidade de atuação (inter-dependência). Coordenar é liderar em comunhão, não em subordinação. Coordenar exige ouvir as opiniões dos membros da igreja, levá-las a sério e incorporá-las no dia-a-dia do ministério eclesial. Coordenar exige que o planejamento e a avaliação das ações eclesiais seja feito em conjunto com a igreja toda, ou com parcelas significativas da igreja, e não apenas por um grupo detentor do poder institucional. A liderança pastoral coordenadora, porém, só existirá se nós, pastores, formos pessoas semelhantes a Jesus Cristo. A igreja só se tornará agente da missão integral se sua liderança for coordenadora e não subordinadora; abençoadora e não gerenciadora; exemplar e não dominadora. Na liderança coordenadora vale o lema: “o máximo de coordenação possível, o mínimo de subordinação necessária”. E isto coloca em xeque o próprio modelo presbiteriano de governo de igreja, de cunho fortemente hierárquico e jurídico-administrativo. Mas este é um tema que demanda muito mais tempo ...

Conclusão

Ser pastor(a) e cristã(o) em nossos dias é extremamente desafiador. A pastoral integral cristã na atualidade também é extremamente desafiadora. E não há respostas prontas e fáceis para realizar nossa vocação pessoal, eclesial e denominacional. Espero que minha fala nesta noite tenha estimulado vocês a pensarem em novas possibilidades para a vida ministerial de nossa igreja, e que tenha motivado vocês a serem criativos e criativas não reproduzindo modelos prontos, sejam oriundos do passado venerando, sejam oriundos do presente bem-sucedido de algumas igrejas da moda. Sejam pastores e pastoras reformados(as) sempre reformando a igreja, seu pastorado e sua pastoral!

© 2004 Júlio Paulo Tavares Zabatiero. Se agradecen reacciones a comentarios@teologos.com.ar

El autor es brasileño, doctor en teología por la Escuela Superior de Teología de São Leopoldo, Rio Grande do Sul donde es profesor de Antiguo Testamento. El presente artículo fue ofrecido como conferencia en la Semana Teológica – D. A. Rev. Jonas Dias Martins del Seminario Teológico Rev. Antonio de Godoy Sobrinho de Londrina, Brasil. El art. fue enviado por su autor para la inclusión en *Teología y cultura*.